

Leonardo Boff*

Aprender a pensar com os pobres da Terra e oprimidos

Nisso se caracteriza alguém que pratica a teologia da libertação: ele tem um pé na academia, na faculdade de teologia, e outro no meio dos filhos e filhas da pobreza, nas periferias. Este tipo de teologia sustenta algo óbvio: a pobreza significa eticamente uma injustiça social e politicamente uma opressão. Contra a opressão vale a libertação. Esta é levada avante pelos próprios pobres que se conscientizam oprimidos, se organizam e começam lá nas bases com práticas que visam a superar sua situação. Isso é feito a partir da leitura comunitária da Bíblia: confrontam uma página da Bíblia com outra página de sua realidade sofrida. Daí tiram, depois de muita reza, cantoria e reflexão, os passos concretos a serem assumidos por todos. Os teólogos que se dispõem a caminhar com as comunidades mudam sua visão da sociedade e da Igreja.

Tudo isso é tão cristalino que me espanta o fato de que a teologia da libertação tenha sofrido e ainda sofra perseguição e difamação. Se bem repararmos este procedimento vem dos grupos que nunca vivenciaram realmente os padecimentos do mundo dos pobres e oprimidos. Isso mesmo me confessou pessoalmente o amigo Cardeal Joseph Ratzinger, aquele que, por ofício, presidiu meu julgamento nos espaços da antiga ex-Inquisição. Mas especialmente são os setores conservadores da Igreja e da sociedade que veem em todo movimento dos pobres, algo perigoso para a ordem vigente, coisa de comunistas. Por esse argumento Jesus, acusado de subversivo, pelos religiosos da época, como atesta Lucas (cf. 23,5) nunca teria sido crucificado, mas morrido na cama cercado de discípulos.

O que distingue um teólogo da libertação de outros colegas do Centro e também da Periferia é a opção pelos pobres, contra a pobreza e a favor da justiça social e da libertação. Esta diligência implica um grande aprendizado, coisa que não ocorre quando o teólogo não restringe seu ofício ao mundo acadêmico. Mas com a inserção, descobre a garra dos pobres, sua resiliência e profunda fé no Deus que escuta o grito dos oprimidos e mostra sua ternura para com os condenados da Terra. Surpreende a presença da graça de Deus nas situações mais inusitadas que nos obrigam a pensar para além do bem e do mal. Assim o sugere a mensagem de Jesus, cujo Abba (Paizinho querido) ama a todos, para além das categorias do bem e do mal e mostra misericórdia aos ingratos e maus (Lucas, 6,35).

Vou narrar duas experiências vividas na periferia pobre enquanto lecionava na faculdade o Tratado de Graça, um dos mais difíceis da teologia pois encerra muitas condenações.

Encontrei-me com Raimundo em Canindé que logo me pediu: Frei, vim buscar água benta. Para que você quer a água benta, perguntei. Ele respondeu: é para benzer minha casa. Mas isso, eu como padre, posso fazer e vou aí com você. Não pode, frei. É até feio dizer, mas vou confessar: vivo com uma mulher sem ter casado na igreja. Tenho dois erros com ela: primeiro,

porque é preta, segundo, porque a tirei da prostituição. Quero experimentar viver com ela, dar-lhe carinho e compreensão. Se ela for capaz de viver com um homem só, comigo, então vou casar na igreja. Agora estou em pecado. Por isso vim pegar água benta para benzê-la e rezar para eu sair do pecado. Se tudo der certo, o senhor, frei, fará nosso casamento. Tempos depois, fiz o casamento com muita pipoca e coca-cola.

Esse homem, Raimundo, amou. Seguramente nem saberia que o verdadeiro nome de Deus é amor. E quem ama, está com Deus, como diz São João em sua epístola (1 Jo 4,16) e não com o pecado.

Encontrei religiosas em Xapuri no coração da floresta do Acre. Mantinham na sala um seringueiro que parecia ter lepra. Passando por uma ruela, uma das religiosas viu uma placa com os dizeres: Casa da Caridade. Foi se informar e soube que a Casa pertencia à dona Josefina. A religiosa convidou-a para ir até ao conventinho e ver um doente de lepra. Logo ao entrar e olhar longamente o doente, Josefina disse: Irmãzinha, isso não é lepra, é só micose. Deixa, que vou tratá-lo na Casa da Caridade. Curiosa, a religiosa perguntou: para que serve esta Casa? Josefina respondeu: é para todos os doentes do interior da mata e para quem não tem onde dormir. Como a senhora mantém a Casa da Caridade? Josefina, um pouco constrangida, respondeu: eu tenho uma boate. Preciso me sustentar. As mulheres daqui não têm trabalho e quase todas são prostitutas. Precisam alimentar a família e eu o pessoal que fica na Casa. Só pego para mim o necessário. O que sobra é para manter a Casa da Caridade. Cozinheiro para eles, lavadeiras a roupa e compro os remédios. Tudo de graça. Para pagar o meu pecado. Sei que é contra a lei de Deus. Mas a lei da vida não é também aceita por Deus?

Ao ouvir a história fiquei abismado e pensei comigo: o amor de Josefina é o que significa a graça que eu ensino, quer dizer, o amor concreto de Deus na situação concreta das pessoas. Lembrei-me da mulher, tida por prostituta, que beijou os pés de Jesus e os ungiu com perfume, chorava e com os cabelos enxugava as lágrimas (Lucas 7,38). Face aos que pensavam mal, Jesus disse: "onde quer que no mundo se pregar a boa-nova, será lembrado o que ela fez" (Marcos 14,9). Foi puro amor, graça divina.

Esses dois fatos mostram o amor de Deus que é o que chamamos de graça: ela vem quando quer, sobre quem quer e em qualquer situação. Há flores que florescem nos pântanos. E são as mais brancas e belas. Essa flor tem um nome: Josefina da Casa da Caridade. O amor generoso se chama Raimundo, aquele da água benta.

***Leonardo Boff escreve para a revista do ICL LIBERTA (<https://www.revistaliberta.com.br>); escreveu também, Graça e Experiência humana, Vozes, muitas edições, 2012 (<https://www.leonardoboff.org>).**

Victor Corrêa*

Trabalhar para viver ou viver para trabalhar?

Recorri à minha amiga Patrícia, dias atrás, para desabafar sobre o trabalho. Estava cansado. Além de roteirista de TV competente, ela é prática em seus conselhos. Depois de me ouvir, respondeu com uma pergunta: "Você trabalha para viver ou vive para trabalhar?". Respondi de pronto, quase em protesto, que trabalho para viver. Mas a resposta ficou ecoando.

Ao se apresentar, depois de dizer o nome, vem logo a pergunta: "e o que você faz?". Querem saber o cargo. Quase nunca querem saber se você é habilidoso com crochê, se faz um pudim de leite incrível, se cuida bem das plantas, se sabe ouvir ou se é bom amigo. É assim que muita gente organiza o valor dos outros. Primeiro o nome. Depois o ofício. Depois a posição. Como se a biografia coubesse no crachá.

Mas o crachá é sempre um adereço que não te pertence. Hoje está ali, pendurado no pescoço, preso por uma cordinha, autorizando entradas, abrindo portas, indicando uma função. Amanhã, pode não estar mais.

Ainda assim, muita gente passa anos tentando caber em um cargo. Há quem se orgulhe do que faz, e isso é legítimo. O trabalho pode dar sentido, prazer, pertencimento e reconhecimento. O problema começa quando ele deixa de ser uma parte da vida e passa a ocupar o lugar da identidade inteira.

É também aí que a saúde mental entra. Segundo dados do Ministério da Previdência Social, os afastamentos por burnout cresceram 823% nos últimos quatro anos no Brasil. O número ajuda a dar dimensão a algo que muita gente já sente no corpo: há um modelo de trabalho que exige pertencimento integral, disponibilidade permanente e uma espécie de fidelidade emocional ao cargo.

Muita gente adoce tentando sustentar a imagem de um ser indispensável. Trabalha além do limite, engole humilhações, responde mensagens fora de hora, dorme mal, perde o domingo, normaliza a exaustão. Até o corpo ou a cabeça cobrarem a conta.

E quando isso acontece, a descoberta costuma ser cruel: quem adoce pode ser afastado, substituído ou simplesmente esquecido no dia seguinte. A cadeira não fica vazia por muito tempo. O e-mail continua chegando. A reunião acontece. A escala fecha. A empresa se reorganiza. O cargo que parecia definir uma vida inteira revela, de repente, sua natureza provisória.

Porque nem sempre a vida

confirma aquilo que a gente responde. Todo trabalhador trabalha porque precisa. O aluguel vence, a dívida aperta, o remédio custa caro, o mercado não espera e a vida material impõe urgências. Seria ingênuo fingir que o trabalho existe apenas como escolha, vocação ou prazer.

Também seria ingênuo tratar o desengaço com o trabalho como exceção. Um levantamento da FGV EAESP mostrou que 56% dos trabalhadores brasileiros estão desengajados ou ativamente desengajados. Mais da metade trabalha sem se sentir realmente envolvida com o lugar onde passa boa parte da vida.

Se a pessoa se torna apenas aquilo que entrega, responde, assina, coordena, produz ou executa, que espaço resta para o corpo, para o descanso, para o afeto, para o silêncio, para a vida que não cabe no crachá? Um cargo pomposo pode abrir portas, mas não sustenta uma vida inteira.

Por isso, é preciso ter tempo. Tempo para o corpo, para a cabeça, para os vínculos, para as coisas que não cabem em 44 horas semanais.

Também por isso, o debate sobre o fim da escala 6 por 1 vem mobilizando tanta gente. Quem trabalha seis dias e descansa um tem pouco espaço para ser qualquer outra coisa além do que faz.

Tempo livre não é sobra. É infraestrutura invisível da saúde mental. Quando o trabalho ocupa quase tudo, não tira apenas horas. Tira também a possibilidade de recompor a própria vida.

Mas há uma diferença entre um trabalho que adoce e um trabalho que simplesmente não faz feliz. Nem tudo se resume a ambiente tóxico. Às vezes, o trabalho é difícil, provisório, necessário, pouco estimulante. Às vezes, é uma ponte. Reconhecer isso não é resignação. É lucidez.

Empregos passam. Cargos passam. Governos também. O crachá volta para a gaveta, a sala ganha outro ocupante, a assinatura muda no organograma. Mas a relação que construímos com o trabalho deixa marcas mais duradouras do que a própria função. Às vezes, seguimos anos depois tentando recuperar o sono, a autoestima, o desejo, a capacidade de descansar sem culpa.

O trabalho não precisa nos fazer felizes todos os dias. Mas também não pode fazer da vida o intervalo entre uma obrigação e outra.

***Jornalista, mestre e doutorando em gestão e políticas públicas pela Fundação Getúlio Vargas**

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: POUCAS AS ESPERANÇAS DE SOBREVIVENTES NO SUBMARINO INGLÊS POSEIDON

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de junho de 1931 foram: Restam bem poucas esperanças de que os 18 tripulantes do submarino inglês "Poseidon" ainda estejam vivos. Imprensa alemã está pessimista quanto aos resultados da

Conferência de Chanceleres, criticando a posição de Buering em não ter exigido a revisão total do Plano Young. Brasil ocupa o lugar da Argentina na Conferência Internacional do Trabalho. Imagem de Nossa Senhora Aparecida no Rio de Janeiro.

HÁ 75 ANOS: PARTIDOS PROTESTAM NA CÂMARA CONTRA A REFORMA DA CONSTITUIÇÃO

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de junho de 1951 foram: Tropas Aliadas desmantelam o "Triângulo de Aço" e avançam pela parte norte da

Península Coreana. Partidos protestam na Câmara a reforma da Constituição, por acharem que Vargas quer se perpetuar no poder novamente.